

A Missão Médica Especial brasileira de caráter militar na Primeira Guerra Mundial*

Carlos Edson Martins da Silva

Contra-Almirante (RM1-Md). Chefe da Seção de Medicina de Combate da Academia Brasileira de Medicina Militar.

RESUMO

Na Primeira Guerra Mundial, o Brasil, após a Declaração de Guerra ao Império Germânico e em conformidade aos compromissos assumidos na Conferência Interaliada de Paris em 1917, enviou à França, em 16 de agosto de 1918, uma Missão Médica Especial com caráter militar. A missão foi criada com o intuito de manter um hospital temporário na zona de guerra para ajudar os serviços de saúde dos aliados. Este artigo pretende apresentar dados históricos sobre as causas que levaram o Brasil a enviar esta missão, sua organização, detalhes logísticos relativos ao seu deslocamento para o teatro de operações e o estabelecimento do hospital em solo francês. Particular atenção é dada ao impacto da gripe espanhola na Missão, aos resultados alcançados pela empreitada e o encerramento da missão e do hospital.

PALAVRAS-CHAVE: Missão Médica Militar; Primeira Guerra Mundial; Hospitais Militares na França na Primeira Guerra Mundial

ABSTRACT

In World War I, Brazil, after the Declaration of war on the German Empire and pursuant to commitments in the Inter-allied Conference, which took place in Paris in 1917, sent to France in 16 August 1918 a Special Medical Mission with military character. The mission was created in order to maintain a temporary hospital in the war zone to help the allied health services. This article intends to present historical data concerning the causes that led Brazil to send this mission, its organization, logistical details relating to its deployment to the Operations Theater and the hospital settlement on French soil. Particular attention is given to the impact of the Spanish flu in the mission, the results achieved by the project and the closure of the mission and the hospital.

KEYWORDS: Military Medical Mission; World War I; Military Hospitals in France in the World War I

INTRODUÇÃO

Em 26 de julho de 1914, quando iniciou a Primeira Guerra Mundial, o Brasil era governado pelo Marechal Hermes da Fonseca em seus últimos meses de mandato.

Wenceslau Brás, seu sucessor a partir de 15 de novembro daquele ano, conviveu durante todo seu período presidencial com o conflito europeu, que terminou somente em 11 de novembro de 1918, três dias antes do término de seu mandato.

* Artigo recebido em 13 de outubro de 2014 e aprovado para publicação em 31 de outubro de 2014.



A princípio a guerra ecoava distante das Américas e seus efeitos eram pouco percebidos por aqui, o que levou o país, assim como as demais nações americanas, inclusive os Estados Unidos, a optar pela neutralidade. [1]

Ao longo do conflito, contudo, este distanciamento e a conseqüente neutralidade mostraram-se impossível de serem mantidos, em virtude da propagação por todo globo do grave impacto econômico que o conflito causou nas principais nações europeias envolvidas na beligerância, e que eram os principais mercados importadores de produtos agrícolas e insumos primários dos demais continentes e exportadores de bens industriais às nações não industrializadas.

A economia brasileira, à época, era baseada no café, seu principal e quase único produto de exportação, e a guerra provocou enorme baque nestas exportações com graves efeitos negativos para a frágil economia brasileira.

Dois fatos conseqüentes ao conflito arrastaram o Brasil para a guerra. A Inglaterra, principal consumidor do café brasileiro, em função do seu esforço de guerra proibiu a sua importação sob a alegação de que os espaços dos navios mercantes deveriam ser destinados a produtos mais essenciais e vitais. A Alemanha autorizou o torpedeamento de qualquer navio, mesmo os de países neutros, que penetrassem nas zonas de bloqueio, o que tornava vulnerável qualquer mercante brasileiro ao tentar levar mercadorias para França e Grã-Bretanha, seus principais mercados europeus. [2]

Este bloqueio levou ao afundamento do Navio *Paraná* em 5 de abril de 1917, um dos maiores navios da marinha mercante brasileira (9.000 toneladas dw), carregado de café, que mesmo navegando de acordo com as exigências feitas a países neutros foi atacado por um submarino alemão a poucas milhas do Cabo Barfleur, na França, episódio que resultou na morte de três marinheiros brasileiros. [3]

Este afundamento gerou fortes manifestações populares, exigindo uma resposta do governo brasileiro, que resultaram na queda do Ministro das Relações Exteriores Lauro Muller (de origem germânica e favorável à

manutenção da neutralidade brasileira), ataques aos estabelecimentos comerciais e às propriedades de alemães e seus descendentes e culminaram com o rompimento de relações diplomáticas entre o Brasil e o Bloco Germânico em 11 de abril de 1917. [3] [4]

Deve ser ressaltado que a esta altura a guerra já havia definitivamente propagado seus efeitos pelas Américas, tanto que, dias antes do ato brasileiro, em 6 de abril de 1917, os Estados Unidos haviam declarado Guerra ao Império Germânico. [3]

Nos meses seguintes ao rompimento de relações diplomáticas, o governo brasileiro confiscou 45 navios alemães que estavam em portos brasileiros, à guisa de indenização de guerra. Estes navios corresponderam, na ocasião, a um quarto da frota mercante brasileira. [3] Cerca de 600 marinheiros alemães de um total de 1.200, tripulantes destes navios apresados, foram detidos na qualidade de "internados" e recolhidos ao Sanatório Naval de Nova Friburgo, onde a Marinha criou uma infraestrutura para abrigá-los. [5]

A extrapolação ao cenário europeu da Primeira Guerra Mundial levou Ruy Barbosa, que desde 1916 já vinha usando da sua potente oratória para conclamar a sociedade brasileira a se engajar no apoio às nações aliadas, principalmente às suas vítimas de guerra, a enfatizar a necessidade de definição do governo brasileiro diante das agressões sofridas. Em um de seus discursos afirmou: "*A luta, inicialmente, circunscrita entre os impérios centrais e um certo número de Estados europeus, perde o seu caráter primitivo para assumir o aspecto de um conflito declarado entre os princípios da democracia moderna e os princípios da velha autocracia condenada.*" [1]

Ruy liderou a indignação da população contra ao que chamou de neutralidade passiva do governo brasileiro e se associou a vários movimentos destinados a esta causa, com destaque a Liga Brasileira pelos Aliados que, desde o início da guerra, vinha recolhendo doações enviadas à França, mas sem que o nome do Brasil fosse a elas associado.

A Liga Brasileira pelos Aliados foi fundada em 1915, no Rio de Janeiro, por José Veríssimo, Nestor Victor e Olavo Bilac, com o obje-

tivo de promover a causa dos Aliados entre a população brasileira, direcionando sua simpatia a esse grupo de beligerantes. Era formada, basicamente, por ilustres intelectuais e políticos e tinha como presidente honorário o Senador Ruy Barbosa, e como membro do Comitê Executivo e representante no exterior Graça Aranha. [6]

Após várias nações neutras como a Espanha, Dinamarca, Holanda e mesmo sul-americanas como Argentina, Chile e Uruguai terem abertos hospitais em Paris para atender a feridos de guerra mantidos pelas suas populações e colônias na França, a sociedade brasileira sentiu o dever de parrear a este esforço beneficente. Com a liderança da Condessa Carolina da Silva Ramos partiu para a ativação em 29 de maio de 1917 de um Hospital Brasileiro em Paris a ser mantido pela colônia brasileira na França e por doações oriundas do Brasil. Vários eventos beneficentes foram realizados para angariar fundos para o hospital. O ponto alto destes eventos foi o festival organizado pela Liga Brasileira pelos Aliados no Theatro Municipal do Rio de Janeiro em 14/9/1917 com a renda destinada ao Hospital Brasileiro em Paris. Neste concorrido festival, Ruy Barbosa fez memorável discurso sobre a causa aliada que obteve grande repercussão no Brasil e no exterior.

Com as rendas destes eventos e doações obtidas, o Hospital Brasileiro foi montado a Rue de la Pompe em Paris. Sua inauguração teve a presença de Ruy Barbosa. Neste hospital trabalharam vários médicos brasileiros que estavam radicados em Paris, a trabalho ou estudo.



Dr. Paulo do Rio Branco e um auxiliar nas dependências do Hospital Franco-Brasileiro

A direção deste hospital foi dada ao Dr. Paulo da Silva Paranhos, filho do Barão do Rio Branco, nascido e criado em Paris, mas que mantinha dupla nacionalidade, brasileira e francesa. [7]

Seguiram-se ao rompimento de relações vários outros ataques de submarinos alemães aos navios mercantes brasileiros Acari, Guaíba Taquari, Tijuca, Lapa, Macau. [3] [1]

THEATRO MUNICIPAL

Esta noite às 8 horas **DISCURSO DO EXMO. CONSELHEIRO RUY BARBOSA**

GRANDE FESTIVAL
pro Hospital Brasileiro em Paris e em
homenagem ao illustre
Conselheiro RUY BARBOSA

Hymnos dos Alliados
Prologo de Mefistofele
Pelo baixo MR. JOURNET
3º acto da opera
AIDA
Rosa Raisa — Laffitte — Rimini

Unica representapio da opera
I PAGLIACCI
VALLIN-PARDO; CRIMI; RIMINI
Hymnos patrióticos pelos artistas DI-GIOVANNI-CRABBE-
ROYER e pelos céros
Directores da orchestra BARONI e PAPI
PREÇOS
Fricas e camarotes de 1ª, 1900; camarotes de 2ª, 600;
poitronas, 230; balcões A e B, 200; outras filas, 150; gale-
rias, A e B, 70; outras filas, 50000.

Anúncio do Grande Festival em prol do Hospital Brasileiro no Tetro Municipal do Rio de Janeiro

Estes novos ataques acirraram a pressão popular contra a Alemanha, levando o Brasil a declarar guerra à aliança germânica no dia 26 de outubro de 1917 através do reconhecimento pelo Congresso do Decreto nº 3.361, de 26 de outubro de 1917.

O estado de guerra entre a Alemanha e o Brasil enfatizou a colaboração do Brasil com os Aliados. Participe na condição de nação beligerante na Conferência Interaliada ocorrida em Paris de 20 de novembro a 3 de dezembro de 1917, o Brasil, cotejando suas possibilidades e as necessidades apresentadas pelos demais beligerantes, assumiu compromissos de colaboração assim resumidos: [3]

– Envio da Divisão Naval em Operações de Guerra-DNOG, comandada pelo Contra-Almirante Pedro Max Fernando Frontin, para incorporar-se à esquadra britânica em Gibraltar.

– Envio de aviadores da Marinha e do Exército para serem treinados na Real Força Aérea britânica e, posteriormente, partilhasse de suas missões.

– Envio de uma Missão Médica Militar, composta de cirurgiões militares de carreira e civis comissionados em patentes militares, para atuar em um hospital de campanha no teatro de operações europeu. [1] [3]

O decreto 13092 de 10 de julho de 1918 cria a Missão Médica Especial de Caráter Militar.

“Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, usando da autorização contida no decreto legislativo nº 3.361, de 24 de outubro de 1917, resolve:

Art. 1ª Fica criada, com o intuito de auxiliar o serviço de saúde dos nossos aliados, uma missão médica especial que será enviada à França, em caráter militar, afim de manter um hospital temporário na zona de guerra, enquanto esta durar.

Art. 2ª O hospital terá a capacidade máxima de 500 leitos, até que o Governo autorize aumento, si assim julgar necessário...” [8]

PORQUE UMA MISSÃO MÉDICA ESPECIAL DE CARÁTER MILITAR?

A participação brasileira na Primeira Guerra Mundial teve grande influência do diplomata francês Paul Claudel, nome artístico de Louis Charles Athanaise Cécile Cerveaux

Prospe. Como ministro de segunda classe ele serviu no Rio de Janeiro entre fevereiro de 1917 e novembro de 1918 e, posteriormente, se tornou renomado poeta e filósofo. Bom diplomata, Claudel, para executar a diretriz política do governo francês de estreitar a cooperação franco-brasileira, exerceu sua influência sobre políticos brasileiros, entre eles o ex-presidente (1902 a 1906) e futuro presidente eleito (1919) Rodrigues Alves, de quem se tornou amigo. De sua articulação nasceram as ideias de possíveis colaborações do Brasil com os aliados, entre elas, através de uma Missão Médica. [9]

Após três anos de uma guerra devastadora, os aliados se encontravam em situação de extrema carência de recursos logísticos, entre estes os de saúde.

Este fato, aliado aos poucos recursos bélicos que o Brasil dispunha para efetivamente contribuir com o esforço de guerra, apontava como adequada e relevante a possibilidade de parte da sua cooperação se desse através de uma Missão Médica.

Esta forma de participação se mostrou também exequível em virtude do principal recurso desta solução, o humano, não apresentar maiores dificuldades em ser mobilizado.

Em 1918 era grande a vinculação intelectual e também afetiva dos médicos brasileiros com a França. Aquele país, à época, era a meca da medicina ocidental, de onde emanava quase todo saber e onde os médicos brasileiros buscavam seus conhecimentos. No meio acadêmico brasileiro, civil e militar, no fim do século XIX e início do século XX, a França era também a fonte das ideias e ideais modernos através do positivismo de Auguste Comte, inspirador dos jovens “científicos” que lapidaram a abolição da escravatura, a proclamação da República e moldaram o Brasil pós-monárquico sob a égide do lema positivista “Ordem e Progresso”. [10]

Este espírito está bem representado nas palavras do Dr. Mário Kroeff, então 1ª tenente médico do Corpo de Saúde da Marinha, integrante da Missão Médica e futuro pioneiro da oncologia no Brasil e primeiro diretor do Instituto Nacional de Câncer. [11]

“Até no homem comum, havia entusiasmo em poder participar. Daí, senhores, o sen-

tido internacional de nossa posição, tomada pela Pátria e por alguns de seus filhos, dispostos a cooperar. Outro motivo colateral assentou em base médico-profissional. Atender pela clínica e pela cirurgia 'larga manu' (em grande escala), na zona de guerra, visando o aperfeiçoamento, para poder servir ainda melhor, lá e alhures. Esse característico predominava na maioria.

Havia nos integrantes especial admiração pela escola médica, que a França representava, no mundo de então. Aos jovens, fascinava a cirurgia dos grandes golpes, rápidos e ousados, estancando o sangramento pela compressão dos retalhos. Paris, formando celebridades clínicas e cirúrgicas, era, na época, a Meca da Medicina, onde os nossos mestres iam, de tempo em tempo, nas viagens de estudo, renovar a sua cultura.” [12]

Esta vinculação e admiração à França eram de tal magnitude que a possibilidade de recrutar voluntários na classe médica brasileira para participar da guerra exercendo a medicina na sua meca foi, sem dúvida, tarefa amena.

O historiador Cristiano de Brum vai mais além na análise das motivações do governo e dos participantes da Missão. Para ele “*ir à guerra e levar médicos ao conflito bélico significava mostrar que a ciência brasileira era capacitada, competente, era o Brasil construindo um hospital no país referência em medicina no período. A Missão, acima de tudo, representava o Brasil tentando se inserir na modernidade internacional pela via da saúde. Se ao participar no conflito mundial através de um corpo médico o Estado procurava projetar a medicina brasileira frente às outras nações, por outro lado, utilizavam-se os médicos da missão com interesses pessoais; pois, participar de um corpo médico-militar, no andamento de um conflito internacional, no velho continente, agregava ao currículo destes indivíduos status e capitais diversos.*” [13] [14]

A observação de Brum não é decerto equivocada. A formação da Missão Médica de caráter militar não obedeceu a lógica de privilegiar os Corpos de Saúde constituídos nas Forças Armada, Marinha e Exército, mas médicos civis.

A classe médica de então era quase que exclusivamente composta de filhos oriundos das mais abastadas famílias do país e, quase todas, com alta representatividade na classe política. Neste contexto, participar da Missão Médica era, sem dúvida, também, uma maneira de galgar prestígio e consolidar carreiras no pós-guerra.

Criada a Missão Médica, sua participação foi limitada em 86 médicos. Este número foi menor que os 200 voluntários oriundos de todos os estados brasileiros.

O próprio Chefe da Missão, o Médico e Deputado José Thomaz Nabuco Gouvêa, em seu relatório ao Ministro da Guerra em janeiro de 1919 admite que o critério para a escolha, não desprezando o valor científico, foi o político, privilegiando-se as indicações oficiais dos estados de maior expressão, ou sejam, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Poucos foram incluídos por indicação de políticos de outros estados, com a ressalva de Nabuco de que foram aceitos desde que fossem apresentadas garantias do valor científico do indicado. [8]

Deputado, cirurgião, professor de Ginecologia e diretor do Hospital da Gamboa, Nabuco de Gouvêa, embora tivesse boa aceitação na classe médica e fosse merecedor da confiança do Ministro da Guerra, General Caetano de Faria, foi escolhido para chefiar a Missão, mais por sua carreira política do que por méritos científicos.

Pela qualificação técnica, pelo prestígio político de suas famílias, ou por ambos motivos, o fato é que vários participantes da Missão, no futuro, realmente ocuparam cargos de prestígio político na República como os de embaixador, presidente do Banco do Brasil, interventores de saúde no Governo Vargas e de diretor do Arquivo Nacional. Outros, por mérito acadêmico, foram membros da Academia Nacional de Medicina, Academia Brasileira de Letras e professores catedráticos das mais ilustres Escolas de Medicina do país. Deste grupo, por exemplo, saiu um dos criadores da Faculdade de Medicina da USP, o Professor Benedicto Montenegro. [15] [14]

Segundo o Dr. Nabuco Gouvêa, o caráter militar da missão, embora maciçamente composta de médicos do meio civil, deveu-



Foto oficial da Missão Médica Especial com o Presidente Wenceslau Brás ao centro

se a dois fatos. Primeiro, embora tivesse motivação humanitária de assistência aos feridos, tratava-se de um ato de guerra, pois suas atividades iriam ser desenvolvidas em um Teatro de Operações de Guerra, e, portanto, em territórios sob administração militar. Segundo, a estrutura militar já largamente estabelecida e conhecida evitaria um número elevado de atos administrativos estabelecendo normas de conduta, criação de cargos, estrutura hierárquica, vencimentos, direitos e deveres e penas disciplinares. Enfim, toda uma estrutura legal para um tipo de missão para a qual não havia precedente no meio civil. [8]

Tendo o Exército Brasileiro se declarado sem condições de enviar uma Força Expedicionária à Europa, enviou uma Missão Militar sob o comando do General Napoleão Felipe Aché. A Missão Médica Especial de caráter militar foi subordinada a esta Missão Militar. [16]

A MISSÃO MÉDICA PARTE PARA A FRANÇA

Em 18 de agosto de 1918, chefiada pelo Dr. Nabuco Gouvêa, comissionado com a patente de coronel, e subordinada ao Gene-

ral Napoleão Felipe Aché, comandante da Missão Militar do Brasil junto ao comando aliado, a Missão Médica partiu da Praça Mauá no Rio de Janeiro no Pacote *La Plata*. O Presidente Wenceslau Brás e cerca de 4 mil pessoas estiveram no cais para assistir o embarque. [17]

Enviada ao teatro de guerra europeu com a finalidade de instalar um hospital, a Missão Médica operaria subordinada ao comando único dos exércitos aliados, assim, uma vez em Paris, seus participantes seriam apresentados ao alto comando francês.

Integravam a Missão 86 médicos aos quais, posteriormente, somou-se um grupo de seis médicos que já estavam em solo francês atuando no Hospital Franco-Brasileiro mantido pela colônia brasileira em Paris, totalizando assim em 92 o contingente de médicos da Missão. Deste grupo 11 médicos eram militares de carreira e os demais civis comissionados militares com patentes que variavam de coronel a 2º tenente. Além dos médicos, integravam a missão 17 acadêmicos de medicina e 16 membros, entre farmacêuticos, pessoal de intendência, de secretaria e contínuos. O contingente da Marinha era de 6 médicos e 2 farmacêuticos e o do Exército de 5 médicos, 1 farmacêutico

e 2 intendentes além de 1 sargento e 30 praças indicados para constituir a guarda do futuro Hospital Brasileiro. O total foi de 131 componentes. [12]

Quinze médicos viajaram acompanhados de suas esposas, que atuariam como enfermeiras de campanha. [18]

A TRAVESSIA PARA FRANÇA

A escolha do navio que transportaria a Missão Médica Especial teve a participação direta do Diplomata Paul Claudel que colocou à disposição do Brasil a possibilidade de serem utilizados navios de linha franceses com passagens pagas pelo Governo da França. A primeira escolha foi o Vapor *Bagé*, considerado de excelentes condições para a travessia. Como este navio não pode ter sua viagem, já iniciada, interrompida retornando de Santos ao Rio de Janeiro para o embarque da missão, a segunda e definitiva opção foi o Pacote *La Plata* da companhia "Transports Maritimes de Marseille", navio velho e de precário conforto, mas veloz e com tripulação experiente.

A Missão Médica teve viagem atribulada. [8] [12]

Na travessia para Dakar um radiograma determinou ao comandante desviar sua rota e demandar ao porto de Freetown, o que foi interpretado como possível ameaça submarina alemã.

O *La Plata* chegou a Freetown em 29 de agosto e lá permaneceu por cinco dias até conseguir se reabastecer de carvão, em virtude de uma epidemia que assolara a cidade, sobre a qual pouco se sabia e que acometera metade da esquadra inglesa sediada naquele porto e que impedia a faina de abastecimento. Foi necessária a intervenção do Dr. Nabuco Gouveia que se dirigiu por carta ao almirante comandante da Força Naval Britânica para que, finalmente, o *La Plata* fosse carregado para seguir viagem.

Em Dakar a Missão Médica brasileira foi recebida com honras, realizou visitas a hospitais, participou de solenidade em homenagem ao Brasil e de um banquete oferecido pelo Governador francês no seu palácio de governo. [14]

Ao sair de Dakar, mal o barco se fizera ao largo, foi repentinamente infestado por um mal desconhecido, revelando logo o seu caráter epidêmico, era a Gripe Espanhola. A enfermidade grassou entre todos os tripulantes e passageiros, entre eles 1.500 soldados senegaleses que haviam sido embarcados e lotavam o porão do navio.

A epidemia fez várias vítimas fatais entre os soldados senegaleses, e quatro membros da Missão Médica sucumbiram na travessia, o 1º Tenente Médico Scylla Teixeira, 1º Tenente Farmacêutico José Brasil da Silva Coutinho, o 2º Tenente Intendente Octavio Gomes dos Passos e o 2º Tenente Intendente Paulo de Mello Andrade. [12]



A partida da Missão Médica. Jornal "A Época", edição de 19 de agosto de 1918

O navio recebeu ordens para atracar em Oran na Argélia onde toda a tripulação e passageiros desembarcaram, o navio passou por medidas de desinfecção e 16 membros da Missão foram encaminhados para internação hospitalar.

Provocada pelo vírus Influenza A do subtipo H1N1A, a pandemia de Gripe Espanhola promoveu três ondas epidêmicas. A primeira, mais benigna, em agosto; a segunda inicia-se em setembro de 1918 e termina entre os meses de dezembro e janeiro de 1919, tendo sido de extraordinária gravidade, afetando uma grande parte da população mundial e com uma taxa de letalidade de 6% a 8%; e a terceira e derradeira começa em fevereiro e termina em maio de 1919.

Estimativas calculam de 40 a 50 milhões de mortes. Para colocar o número de mortos pela pandemia em uma perspectiva com a Primeira Guerra Mundial, no conflito morreram em quatro anos de sangrentos de combate 15 milhões de pessoas entre militares e civis. No Brasil a pandemia matou 300 mil pessoas, entre elas o Presidente eleito Rodrigues Alves, que não chegou a ser empossado.

A concomitância de datas nos relatórios e artigos publicados sobre a Divisão Naval em Operações de Guerra (DNOG) e sobre a Missão Médica nos permitem concluir que ambas estavam no porto de Dakar entre 5 e 7 de setembro, e, juntas, participaram das solenidades e homenagens ao Brasil feitas pelo governador francês. Não há, contudo, menção explícita sobre este encontro. Destas fontes, pode-se inferir que, ao suspender de Dakar no dia 7, a Missão Médica ainda não havia compreendido o caráter epidêmico e devastador da Gripe Espanhola, que a partir do dia 6 de setembro já se fazia notar entre os componentes da DNOG, mas ainda com sintomas iniciais. Esta cronologia de fatos confere maior dramaticidade a tragédia que se abateu sobre a DNOG a partir do dia 7, e na própria Missão Médica quando já estava em alto mar. A permanência da Missão Médica em Dakar por mais 24 horas talvez pudesse ter contribuído para reduzir o impacto da epidemia nos militares brasileiros. Na DNOG, pelo apoio das equipes de saúde brasileiras, e na própria Missão, que,

se ainda em terra, teria acesso aos recursos da cidade de Dakar e não estaria confinada em um navio superlotado.

A gripe contaminou 95% dos militares brasileiros e ceifou 160 vidas, 156 da DNOG, entre eles 2 dos seus 7 médicos. [3] [8] [19]

EM SOLO FRANCÊS

A Missão Médica chegou à França pelo porto de Marselha em 24 de setembro de 1918. A viagem do Rio a Marselha levou 36 dias para uns e 64 para outros, que ficaram para trás nos hospitais da África. [12]

O Dr. Nabuco Gouveia, acompanhado de pequena comitiva, chegou a Paris em 27 de setembro e, imediatamente, em conjunto com as autoridades militares francesas, começou a estabelecer um plano definitivo de execução prática do apoio de saúde para o qual tinham vindo à França.

Segundo esse plano, a formação sanitária mantida pelos brasileiros seria composta de um serviço de Ambulâncias Cirúrgicas Autopropulsadas (Auto-chir) na linha de frente, evacuando os feridos que tivessem socorrido para um hospital central de 500 leitos, parte deles em barracas a serem adquiridas e montadas na parte externa do hospital.

A Auto-chir brasileira seria constituída de uma grande sala operatória móvel, limpa, ventilada, iluminada, aquecida e de fácil manutenção. Em uma área preparatória havia uma grande autoclave, lavatórios com água fervida, dispositivo de aquecimento e electricidade, salas de radiografia e uma área de internação para cem feridos. [20] [8]

O primeiro passo a ser dado, contudo, era escolher um prédio para a implantação do Hospital Brasileiro. Considerando a expectativa de 500 leitos, os únicos prédios possíveis para esta utilização seriam os dos grandes hotéis de Paris. Consultados os proprietários, estes cobraram pelo aluguel de um ano quantias entre um milhão e um milhão e quinhentos mil francos e a inclusão de uma cláusula contratual de restituição do imóvel no estado anterior à sua adaptação como hospital. Tais custos eram simplesmente insuportáveis pelos recursos disponibilizados pelo governo brasileiro.

A solução veio de uma sugestão do Professor George Dumas, agente de ligação com o governo francês e futuro colaborador no hospital operado pela Missão: instalar o hospital no prédio do extinto colégio jesuíta da Imaculada Conceição na Rue de Vaugirard, onde Charles de Gaulle havia estudado há cerca de uma década. [21]

O local vinha sendo utilizado pelo governo francês sediando organizações militares de menor importância, e, em uma área improvisada, pela Assistência Pública de Paris para internação de pacientes acometidos pela Gripe Espanhola e que levava o nome de Hospital Provisório Vaugirard. [22]

Em visita ao imóvel, Dr. Nabuco Gouvêa rapidamente concordou com a sugestão e viu no imóvel todas as condições para nele instalar o Hospital Brasileiro. O antigo colégio estava em precárias condições de conservação, limpeza e higiene, necessitando de consideráveis e custosas obras de reforma e adaptação à sua nova destinação, mas este custo seria compensado pela cessão gratuita. A concretização da obtenção do imóvel, contudo, não foi tarefa fácil.

Tão logo soube da escolha do prédio pelos brasileiros, os americanos, na busca por um local para instalar seu próprio hospital para receber baixas, imediatamente pressionaram o governo francês para que lhes fosse dada preferência na obtenção daquele imóvel. Tal impasse exigiu grande habilidade diplomática do governo francês que, finalmente, logrou convencer aos americanos que, em virtude dos compromissos e da palavra empenhada, deveriam dar preferência ao Brasil. [8] [14]

A decisão final foi dada em despacho de 21 de outubro de 1918 do ministro da Guerra da França ao diretor de Engenharia do Ministério da Guerra e ao general diretor de Engenharia de Paris.

“A pedido do governo brasileiro, eu decidi colocar à sua disposição, para configurar um hospital, parte Sudoeste do antigo colégio da Imaculada Conceição, localizado em Paris, Rue de Vaugirard, metade dos quais é ocupada atualmente pelo Hospital Temporário dito “Vaugirard”. As adaptações do local, incluindo o planejamento e o trabalho de construção, será realizado à custa do governo brasileiro

sob a direção do Serviço de Saúde brasileiro, a quem o Serviço de Engenharia local deverá prestar a mais ampla assistência. (...)” [8]

IMPACTO DA GRIPE ESPANHOLA NO PLANEJAMENTO DA MISSÃO

A Missão Médica chegou à França quase simultaneamente com o início da segunda onda da pandemia de Gripe Espanhola, e esta concomitância gerou um último obstáculo, a pretensão brasileira ao prédio da Rue de Vaugirard, já que ele vinha sendo parcialmente utilizado pela Assistência Pública de Paris no acolhimento de vítimas civis da gripe.

A solução deste impasse foi o compromisso dos brasileiros em assumir a assistência de saúde destes e de todo e qualquer paciente civil acometido pela epidemia que a Assistência Pública de Paris julgasse pertinente encaminhar ao seu futuro hospital, arcando com todas as despesas destes tratamentos. Esta oferta foi aceita e, de imediato, foram encaminhados aos cuidados dos médicos brasileiros cerca de 200 pacientes gravemente acometidos pela Gripe Espanhola. [14] [8]

Com a França assolada pela epidemia, todos os planos para o aproveitamento de nossa Missão Médica foram radicalmente mudados. O governo francês receava que a gripe atingisse a retaguarda e, desta forma, as frentes de batalha ficassem sem apoio, o que, evidentemente, causaria o colapso da resistência aliada. A França já convocara 700 médicos somente para combater a doença no interior do país.

O auxílio à Assistência Pública de Paris no atendimento às vítimas da gripe fez despertar nas autoridades militares francesas a ideia, aceita pelos brasileiros, de utilizar parte da Missão Médica no apoio ao esforço do Serviço de Saúde Militar francês no enfrentamento à Gripe Espanhola.

A aceitação desta tarefa foi entusiasmaticamente recebida pelas autoridades francesas, como pode ser observado na carta abaixo enviada ao chefe da Missão Médica, contendo as instruções para o envio de médicos brasileiros às diversas regiões da França.

“République Française — Ministère de la Guerre – Sous-Secrétariat d’Etat du Service de Santé Militaire – Service du personnel – a N. 37.854 – Paris, le 23 Octobre 1918.”

“Senhor coronel! - Tenho a honra de informá-lo que dei instruções ao Director do Serviço de Saúde do Governo Militar de Paris para que as ordens de transporte sejam fornecidas para cada um dos membros das equipes médicas que for colocado à minha disposição para auxiliar os médicos franceses no tratamento de doentes afetados pela epidemia de gripe que atualmente grassa. Os diretores repartirão esses médicos por grandes centros hospitalares onde suas presenças serão um socorro precioso para o serviço de saúde francês. Eu gostaria de expressar a você, e aos médicos da missão brasileira, meu profundo reconhecimento e meu agradecimento por este tão espontâneo ato de solidariedade médica e pelo cuidado que você e a sua equipe dispensarão aos nossos pacientes. – Louis Mourier”. [8]

A maior parte dos médicos da missão foi, assim, distribuída pelas Províncias, a fim de, imediatamente, prestarem serviço contra a gripe.

O chefe da Missão viu neste emprego dos médicos brasileiros também uma oportunidade de eles entrarem em contato com as linhas de frente e assim familiarizarem-se com as técnicas médico-cirúrgicas empregadas pelo Serviço de Saúde Militar francês, o que, posteriormente, seria útil ao trabalho no Hospital Brasileiro.

O plano inicial traçado pelo chefe da Missão em reunião com seus chefes dos Serviços Gerais previa a retirada progressiva das equipes que estavam nas províncias trabalhando no socorro às vítimas da Gripe Espanhola, destinando-as às formações das frentes de batalha. Mais tarde, após a ativação do hospital, nele iria ser concentrada a maior parte dos membros da Missão Médica. [8]

O HOSPITAL FRANCO BRASILEIRO PARA AS VÍTIMAS DA GUERRA

O acolhimento aos pacientes da Gripe Espanhola e a mobilização de grande parte dos médicos para o combate à epidemia

não impediram o intenso trabalho que se seguiu nas obras de reforma e adaptação do prédio para atuar como hospital.

As obras físicas, embora com os custos ao encargo do governo brasileiro, foram administrativamente assumidas pelo governo francês e supervisionadas pela Direção de Engenharia Militar francesa, o que não eximia o chefe da Missão do acompanhamento diário dos detalhes técnicos, já que se tratava de obra hospitalar. Paralelamente foi feita a aquisição de todo material médico cirúrgico, mobiliário e utensílios hospitalares e de medicamentos, novamente através do governo francês que se utilizou de bônus de requisição, o que garantiu preços razoáveis. [8]

Os integrantes da Missão Médica Militar que se mantiveram em Paris nos preparativos do prédio trabalharam de forma acelerada e eficiente para a instalação do “Hospital Franco Brasileiro para as Vítimas da Guerra”.

O Diário Oficial da União de 16 de outubro de 1918 publicou um telegrama enviado pelo chefe da Missão, Dr. Nabuco de Gouvêa ao Presidente Wenceslau Brás dando conta destes preparativos:

“Paris – O Serviço de Saúde francês colocou à nossa disposição um magnífico imóvel situado a Rue de Vaugirard que será rapidamente adaptado para receber o hospital brasileiro. Enquanto o hospital não funciona os médicos e cirurgiões da missão foram distribuídos em hospitais militares franceses para fazerem sua aprendizagem de medicina e cirurgia de guerra. Esta equipe foi imediatamente designada para o serviço.

Os enfermos de Oran chegarão em poucos dias, completamente curados. Todo material do hospital está solicitado e espero anunciar à Vossa Excelência que a bandeira brasileira tremulará antes de 15 de novembro, em nosso novo hospital. Nabuco de Gouveia”. [23]

O cuidado em prontificar o hospital até 15 de novembro é explicado pelo fato de esta data ser a da transmissão do cargo de presidente da República, e, assim, sua ativação seria o último ato da gestão de Wenceslau Bras.

Prontificado o hospital, este continha estruturas modernas e bem arranjadas e dis-

punha de salas de operações, enfermarias, salas de curativos, instalações de radiologia, mecanoterapia (fisioterapia), rouparia, refeitório, salão de leitura para os doentes e sala de banhos e duchas. Nos anexos uma cozinha moderna a vapor, uma lavanderia com capacidade para esterilização de roupas e uma grande sala de hidroterapia.

De todos os hospitais mantidos pelos diferentes governos de países que trouxeram à França o concurso precioso de seu auxílio médico, nenhum era mais completo do que o brasileiro, um dos melhores de Paris. Um hospital modelo, segundo o General FÉvrier, inspetor geral sanitário da região. [12]

É digno de nota que, enquanto os outros hospitais montados na França durante a guerra exigiram seis ou mais meses para a sua completa instalação, o Hospital Brasileiro levou apenas um mês e meio para ser ativado.

A competência administrativa da Missão Médica na montagem do hospital também pode ser atestada através do seu desempenho econômico. Tendo partido do Rio de Janeiro com um crédito de cinco milhões de francos para as primeiras instalações, com esse crédito foram pagos os vencimentos dos membros de agosto a dezembro de 1918 e todos os custos com as instalações. Em início de 1919 restava um saldo suficiente para cobrir as despesas com ajudas de custo dos membros que, posteriormente, regressariam ao Brasil e com a manutenção do hospital por algum tempo. [8]

O estabelecimento foi classificado como de primeira classe, em condições de receber feridos de qualquer gravidade, e ficou nivelado ao hospital americano de Neuilly, no dizer dos próprios franceses.

Ao Hospital Brasileiro só foram enviados casos de maior gravidade e, desde a sua ativação, recebeu um número elevado de pacientes mantendo seus 360 leitos sempre ocupados. Nele dirigiam a seção de cirurgia os Coronéis Benedito Montenegro, Maurício Gudin, Borges da Costa e Torreão Roxo, auxiliados pelos mais jovens: Ernani de Faria Alves, Alfredo Monteiro, Roberto Freire e Pedro Paulo Paes de Carvalho.

O corpo de enfermeiras ficou sob a direção de Mme. Dutreil, que, também, dirigiu

gratuitamente os serviços do hospital da colônia brasileira na Rue de la Pompe. Era constituído por enfermeiras diplomadas pela Cruz Vermelha ou apresentando certificados de trabalhos de idoneidade profissional, fornecidos por autoridades competentes. Um contingente de enfermeiros militares franceses mobilizados auxiliava nos trabalhos pesados [8]

A DURAÇÃO DA MISSÃO MÉDICA ESPECIAL E DO HOSPITAL FRANCO BRASILEIRO PARA AS VÍTIMAS DA GUERRA

As capitulações de Bulgária em setembro e da Turquia em outubro de 1918 foram os primeiros prenúncios de uma vitória final da ofensiva aliada iniciada em agosto. Contudo, até o início de novembro não era claramente percebida a proximidade do fim do conflito, e por esta razão os trabalhos de instalação da Missão Médica se mantiveram em marcha.

Somente a 3 de novembro, com a rendição do Império Austro-Húngaro, tornou-se claro que a resistência Alemã não duraria e que o fim do conflito estaria próximo, o que se concretizou a 11 de novembro de 1918 com a assinatura do armistício.

Por força do armistício, finda a beligerância, era imperativa a dissolução da Missão Médica a curto prazo, pois, embora seu nome sugira uma ideia oposta, sua criação foi um ato de guerra do Brasil com o Império Alemão e seus integrantes, embora na maioria profissionais de saúde constituíam uma força militar combatente.

O armistício, contudo, não encerrou a necessidade do apoio de saúde prestado pelos brasileiros em solo francês.

Os últimos meses que antecederam o armistício foram, particularmente, sangrentos devido ao derradeiro esforço aliado na "ofensiva dos cem dias". Em realidade, todo o ano de 1918 foi de intenso combate. Neste cenário muitas vítimas foram produzidas em pouco tempo. Finda a guerra, já se poderia tratar adequadamente dos feridos.

Por ocasião do armistício havia em Paris cerca de 40 mil feridos demandando cuidados hospitalares. [8]



O Hospital Franco Brasileiro para as Vítimas da Guerra em 1919

Ao cessar o conflito, em virtude de terem sido exauridos seus recursos, a Cruz Vermelha rapidamente desmobilizou a maioria de seus pequenos hospitais, o que, naquele período, ressaltou a importância dos hospitais militares, aí incluído o Hospital Brasileiro.

Sem o apoio político do presidente criador da Missão Médica, Wenceslau Braz, e talvez pelo distanciamento do cenário europeu no pós-armistício, o novo governo brasileiro de Delfin Moreira, empossado em 15 de novembro de 1918, não teve, de imediato, a devida sensibilidade para identificar a necessidade de se manter por mais algum tempo os médicos brasileiros em solo francês. Se não mais através da Missão Médica Especial em caráter militar, dado ao seu aspecto de criação como ato de guerra, mas, talvez, sob nova égide institucional condizente com nova situação de paz, considerando a grande tarefa restante e os altos investimentos feitos para sua ativação, já que irremediavelmente perdidos.

O novo ministro da Guerra, o General Alberto Cardoso do Aguiar, em início de janeiro de 1919 determinou ao Dr. Nabuco Gouvêa o imediato regresso ao Brasil de todos os membros da Missão Médica e começou a exonerá-los. Ao General Napoleão Aché determinou o recebimento e embarque para o Brasil de todo acervo do hospital e a prestação de contas dos gastos feitos pela Missão Médica, com o recolhimento de eventual saldo.

Essa aparente incompreensão motivou o chefe da Missão a apresentar as seguintes observações ao ministro da Guerra. *“Parece que no Rio de Janeiro a impressão de todo mundo foi que a assinatura do armistício em 11 de novembro suspendia, como que por encanto, as consequências do estado de guerra. De tal forma que as missões deveriam*

regressar ao Brasil, os hospitais fecharem-se. Os exércitos se desmobilizarem e a vida retomara imediatamente seu cunho normal dos tempos de paz. Quem, porém, se acha na Europa, perto dos acontecimentos, verifica, muito ao contrário, que só lenta e progressivamente se fará essa volta ao estado normal. Os feridos foram, precisamente nos últimos dias, que precederam ao armistício, numerosíssimos, porque a resistência alemã era tenacíssima, tão tenaz que membros do Governo supunham que ela prosseguisse, a despeito do desfalecimento da Áustria e mais potências aliadas ao grupo dos impérios centrais. Esses feridos não iam se restabelecer com a simples assinatura do armistício”. [8]

Estas observações, se não produziram o efeito total pretendido, pelo menos atenuaram o ímpeto inicial de fazer retornar ao Brasil toda a Missão Médica logo após ao armistício, ultrapassando uma fase sensível e pertinente a qualquer mobilização, a desmobilização.

Em final de fevereiro, o ministro da Guerra recua um pouco da sua decisão anterior e admite que caso o hospital ainda seja imprescindível na recuperação de feridos franceses este poderia ainda ser mantido, mas todo o serviço médico deveria ser entregue, exclusivamente, aos médicos da Marinha e do Exército, entre os membros da Missão Médica, e aos que compunham a Missão Militar do Exército.

Posteriormente foi dada a autorização de permanência de parte dos membros da Missão Médica oriundos do meio civil, e cada chefe dos Serviços Gerais teve a oportunidade de indicar e manter na França dois auxiliares. Os demais receberam ordens de regressar.

Esta retirada dos médicos brasileiros gerou grande consternação dos chefes dos serviços de saúde franceses, e inúmeros pedidos pela manutenção deste pessoal foram apresentados ao chefe da Missão, que os repassou ao governo brasileiro. O governo brasileiro finalmente autorizou adicionar ao quantitativo anterior a permanência de mais cinco médicos na França. [12]

Na data oficial do término oficial a Missão Médica Especial em caráter militar, 19 de fevereiro de 1919, o Hospital Franco Brasileiro para as Vítimas da Guerra ainda tinha sob seus cuidados 360 pacientes baixados em diversas clínicas.

O hospital ficou sob a chefia do Coronel-Médico Rodrigo de Araújo Aragão Bulcão que pertencia à Missão Militar junto aos aliados e não à Missão Médica. [16] [19]

Na internet foi encontrado o relato de um combatente francês da Primeira Guerra Mundial, o Sargento Rene Cails, que, gravemente ferido em combate, teve a face desfigurada. Esteve internado no Hospital Brasileiro de 9 de janeiro a 3 de novembro de 1919, onde, após várias cirurgias, lhe foi devolvida uma aparência satisfatória, o que lhe permitiu retomar uma vida normal no pós-guerra. [24]

Este relato dá certeza de que o hospital esteve ativo até o fim de 1919.

O jornal *O Paiz* em sua edição de 11 de outubro de 1919 noticia que o governo brasileiro iniciou o processo de doação das suas instalações do Hospital Franco Brasileiro para as Vítimas da Guerra e todo seu precioso material à Faculdade de Medicina de Paris, mas somente em 16 de julho de 1920 a Comissão de Finanças do senado francês aprovou os recursos necessários ao recebimento do hospital e sua adaptação em um Serviço de Cirurgia da Universidade de Paris. [25] [26]

O RECONHECIMENTO

Após a integração do hospital à Universidade de Paris, nele foi montada a melhor clínica cirúrgica da Escola Médica, confiada a seu mais afamado professor, Pierre Duval.

A Universidade de Paris deu o nome de médicos brasileiros da Missão Médica a muitas enfermarias do hospital homenageando aos que lá prestaram seus serviços aos combatentes franceses. [27] [12]

Vários médicos da Missão Médica foram agraciados com a Comenda da Legião de Honra e com o Título de Oficial da Instrução Pública da França. [15]

O Conselho da Faculdade de Medicina da Universidade de Paris realizou visita oficial ao Hospital Brasileiro em 22 de janeiro de 1919. O Professor Roger, decano da faculdade, disse as seguintes palavras ao Dr. Nabuco Gouveia:

“Prestastes à França um serviço eminente, e no espaço de poucas semanas fizeste o milagre de criar este hospital de primeira ordem cujos serviços são prestados a 300 feridos ou doentes e que bem pode servir de modelo a muitas das nossas organizações.” [15]

Em resposta a uma consulta do ministro das Relações



Placa alusiva à Missão Médica Especial colocada no Jardim do Hospital de Vaugirard

Exteriores da França sobre a contribuição oferecida pelos brasileiros, o subsecretário de Estado do Serviço de Saúde Militar, Louis Mourier, dirigiu a seguinte exposição: “*A Missão Médica desempenhou um esforço notável para que o Hospital que ela organizou pudesse estar em condições de participar utilmente no tratamento dos feridos, tombados no curso das últimas operações. Efetivamente, esse estabelecimento foi instalado com extrema rapidez, a tempo de assegurar aos militares em tratamento o máximo conforto e possibilidades de cura. Pode assim receber um número elevado de doentes. Conta atualmente com 360 leitos ocupados. O pessoal médico e cirúrgico da missão se mostrou, em todos os momentos, à altura de sua tarefa.*” [12]

A 6 de novembro de 1919 o Conselho da Faculdade de Medicina da Universidade de Paris aprovou uma moção de caloroso agradecimento ao Governo do Brasil por ter doado, sem encargo de espécie alguma, o Hospital Brasileiro.

A Universidade de Paris se retirou do hospital em 1968 que, desde então, é administrado pela Assistência Pública-Hospitais de Paris-AP – HP.

Hoje, no Jardim do Hospital de Vaugirard, existe um parque inaugurado em 1994 com área 7.070 m² que liga a Rue de Vaugirard a Rue Vaugelas. Nele foi colocada uma placa alusiva aos oitenta anos de presença da Missão Médica Brasileira.

REFERÊNCIAS

[1] BRASIL, E. B. A. O Brasil na I GM. *História Militar do Brasil*, 15 dezembro 2013. Disponível em: <<http://cadete.aman.ensino.eb.br/histgeo/HistMildoBrasil/Br1GM/Br1GM.htm#inicioPg#inicioPg>>.

[2] WILSON, H.W. & HAMMERTON, J.A. (EDS). The great war: the illustrated history of the First World War vol. V. In: _____ *The great war: the illustrated history of the First World War* -ISBN-10: 1582790264. Londres: Tradi Press international; Reprint edition (Dec 1999), 1999.

[3] MARTINS, H. L. Participação da Marinha Brasileira na Primeira Grande Guerra, O Brasil na Guerra. In: MARINHA, S. D. D. D. *História Naval Brasileira, Vol. Quinto, Tomo I B*. Rio de Janeiro: Marinha do Brasil, 1997.

[4] FONSECA DE CASTRO, ADLER HOMERO. O Brasil na 1ª Guerra Mundial e a DNOG. *Grandes Guerras, Artigos do front*, 12 maio 2014. Disponível em: <http://www.grandesguerras.com.br/artigos/text01.php?art_id=68>.

[5] BOTELHO, JANAINA. O Sanatório Naval em Nova Friburgo – O Caso do Campo de Internação – Parte VII. *História e Memória de Nova Friburgo*. Disponível em: <http://historiadefriburgo.blogspot.com.br/2010/05/o-sanatorio-naval-em-nova-friburgo-o_09.html>. Acesso em: 12 maio 2014.

[6] PIRES, L. C. A *Liga Brasileira pelos Aliados e o Brasil na Primeira Guerra Mundial*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo: [s.n.]. Julho 2011.

[7] FRANÇAISE, R. Le Brésil et la première guerre mondiale dans les collections de l'ECPAD. *Les archives de la SPCA sur le Brésil*, 12 maio 2014. Disponível em: <<http://centenaire.org/sites/default/files/references-files/bresil.pdf>>.

[8] BRASIL, D. O. D. U. D. 1. D. M. D. 1. Relatório enviado pelo chefe da Missão Médica Especial em caráter militar ao ministro da Guerra. *Jus Brasil*, 2 junho 2014. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/1748983/pg-14-secao-1-diario-oficial-da-uniao-doude-14-03-1919/pdfView>>.

[9] REYNAUD-PALIGOT, C. Paul Claudel au Brésil: un diplomate face à l'altérité brésilienne. In: UNIVERSITÉ DE FRANCHE-COMTÉ, 1.-1. J. 2. *Claudel politique*. Lons-le-Saunier: Aréopage, 2009. pp. 375-382.

[10] BANDEIRA DE MELLO, R. R. P. *A militância do Apostolado Positivista do Brasil em favor da abolição da escravidão por intermédio de opúsculos e correspondências (1881-1888)*. Anais do XV Encontro Regional de História da ANPUH Rio. [S.l.]: [s.n.].

[11] BRASIL, M. D. S. INCA relação de ex-diretores. Disponível em: <http://www.inca.gov.br/conteudo_view.asp?id=237>. Acesso em: 22 maio 2014.

[12] KROEFF, M. Missão Médica Militar- Discurso proferido na Academia Brasileira de Medicina Militar. *Boletim Informativo da Academia Brasileira de Medicina Militar*, Rio de Janeiro, v. VI, n. NÚMERO 1, pp. 426 a 446, 16 janeiro 1968. Discurso proferido na Academia Brasileira de Medicina Militar pelos 50 anos da Missão Médica.

[13] BRUM, CRISTIANO HENRIQUE DE. Entre o interesse nacional e os interesses individuais: considerações iniciais sobre a missão médica brasileira na França durante a grande guerra (1918-1919). *I Encontro de Pesquisas Históricas da PUCRS*, 24 maio 2014. Disponível em: <<http://ephipsupcrs.wordpress.com/st-9-historia-da-saude/>>. Acesso em: 15 junho 2014.

[14] BRUM, C. E. D. *O Interventor da Saúde, Trajetória e pensamento médico de Bonifácio Costa e sua trajetória no Departamento Estadual de Saúde do Rio Grande do Sul*. Universidade do Vale dos Sinos. São Leopoldo. 2013.

[15] 99ª Seção especial da Camara Municipal de São Paulo em Homenagem so Dr. Benedicto Montenegro. *Diário Oficial do Estado de São Paulo (DOSP) – Poder Executivo*, São Paulo, 16 setembro 1962, p. 38. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/4739976/pg-38-poder-executivo-diario-oficial-do-estado-de-sao-paulo-dosp-de-16-09-1962/pdfView>>. Acesso em: 17 junho 2014.

[16] GIORGIS, L. E. C. José Pessoa e a 1ª Grande Guerra. *Informativo Guararapes*, Resende, fevereiro 2013. Disponível em: <http://www.ahimtb.org.br/guarara_20_2013.htm>.

[17] A partida da Missão Médica. *A Notícia*, Rio de Janeiro, nº 2226, 19 agosto 1918. 1-Capa. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>. Acesso em: 10 junho 2014.

[18] MONTEIRO, M. Especial 100 anos da I Guerra, Um hospital brasileiro em Paris. *Zero Hora, Caderno Proa*, 28 junho 2014. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/proa/noticia/2014/06/um-hospital-brasileiro-em-paris-4536781.html>>.

[19] BENTO, C. M. O EXÉRCITO E MARINHA NA 1ª GUERRA MUNDIAL (1914-18). *Informativo Guararapes*, Resende, 2014. Disponível em: <<http://www.ahimtb.org.br/ahimtb/EBM-B1GM.htm>>. Acesso em: 7 julho 2014.

[20] GUNEPIN, F.-X. E. A. HISTOIRE DES SCIENCES MÉDICALES. [S.l.]: Bibliothèque interuniversitaire de Santé, v. TOME XXXVI - N° 2 , 2002. pp. 162-164. Disponível em: <<http://www.biusante.parisdescartes.fr/sfhtm/hsm/HSMx2002x036x002/HSMx2002x036x002x0157.pdf>>. Acesso em: 15 junho 2014.

[21] HILAIRE, Y.-M. "L'éducation religieuse de Charles de Gaulle", article dans Charles de Gaulle, la jeunesse et la guerre 1890-1920 [Colloque], Plon, 2001. *Charles de Gaulle.org*, 15 maio 2014. Disponível em: <<http://www.charles-de-gaulle.org/pages/l-homme/dossiers-thematiques/1890-1940-la-genese/jeunesse-et-formation/analyses/l-education-religieuse-de-charles-de-gaulle.php>>.

[22] LISTE des Hôpitaux du Gouvernement Militaire de Paris, complémentaire, auxiliaires, bénévoles. *Historix*. Disponível em: <<http://tsovorp.org/histoire/Sources/HopType.php>>. Acesso em: 16 junho 2014.

[23] BRASIL, D. O. D. U. D. 1. D. O. D. 1. Telegrama Diário Oficial da União, Distrito Federal. *Jus Brasil*, 6 junho 2014. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/1954196/pg-20-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-16-10-1918/pdfView>>.

[24] CAILS, R. Une vie. *Une Vie: Rene Cails (1897 -1978)*. Disponível em: <<http://danielcails.com/blessure.html>>. Acesso em: 12 maio 2014.

[25] FRANÇAISE, R. S. *Planejamento de Adaptação do Hospital Militar Brasileiro em serviço de Cirurgia da Universidade de Paris*. Ata da Comissão de Finanças de 31 de julho. Paris: Senado da França. 1920. p. Processo Verbal nº 66.

[26] O Hospital Brasileiro na França. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 11 outubro 1919. 2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>. Acesso em: 16 junho 2014.

[27] DELAVIERRE, P. L'hôpital de Vaugirard: des origines à nos jours. *Histoire des Sciences Médicales*, Paris, 2, n. Tome XII, 1978. 153 a 161. Disponível em: <<http://www.biusante.parisdescartes.fr/sfhtm/hsm/HSMx1978x012x002/HSMx1978x012x002x0153.pdf>>.